



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

VERA HELENA BONETTI MOSSA

(depoimento)

2015

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

Entrevistada: Vera Helena Bonetti Mossa

Entrevistador: Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares

Local da entrevista: Picolla Acessórios, Campinas, SP

Data da entrevista: 04/09/2014

Processamento da Entrevista: Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares

Páginas Digitadas: 12 páginas

Número da entrevista: E-464

Data da autorização para publicação no Repositório: 14/08/2014

Revisão para inserção no Repositório: Isabela Lisboa Berté e Silvana Vilodre Goellner

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares intitulada *Mulheres em Manchete: a potência da geração de voleibol dos anos 1980* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em maio de 2015.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.
--

SUMÁRIO

Iniciação no esporte; Trajetória esportiva; Geração do vôlei da década de 1980; Apoio da família; Articulação entre carreira e vida pessoal; Percepções em torno do corpo atlético; Rotina de treinamento; Diferenças entre o vôlei masculino e feminino; Influência da geração de 1980 para o vôlei brasileiro; Legado do vôlei na sua vida.

M.T. – Vera, o que te levou ao voleibol?

V.M. – Bom, na verdade meus pais sempre foram esportistas e hoje são professores de Educação Física aposentados, então sempre fizeram muito esporte e sempre incentivaram os filhos a fazer esporte. Como a gente era sócio de um clube aqui em Campinas eu fiz um pouco de tudo. Fazia natação, aprendi a jogar tênis, correr, meu pai foi atleta de atletismo e ele queria que eu aprendesse atletismo, enfim, fazer um pouco de tudo. Aqui no Clube Fonte São Paulo, em Campinas, sempre teve uma boa tradição no vôlei, tanto no masculino como no feminino, mas principalmente no masculino. Então, eu devia ter uns oito anos e tinha um técnico japonês, o Saburo, que estava trabalhando com a equipe masculina e também ajudando de uma forma geral no vôlei. Aí eu comecei, entrei para a escolinha e gostei, comecei a gostar. Estava lá no clube e foi uma das modalidades oferecidas, mas eu me apaixonei pelo vôlei e comecei a acreditar que era aquilo que eu queria fazer. Foi desse jeito.

M.T. – Quando você começou a jogar e por qual clube?

V.M. – Então, comecei exatamente no Clube Fonte São Paulo, eu devia ter uns oito ou nove anos quando comecei na escolinha e depois a fazer parte das equipes. Na Fonte eu joguei só o pré-mirim porque eu fiquei um ano sem jogar por conta de um problema na coluna que existe ainda, mas na época, em 1975, eu fiquei sem jogar. Eu era muito magra, muito alta e cresci muito rápido e tive uma escoliose e fiquei um ano de gesso para corrigir o problema e nesse ano eu fiquei sem jogar. E exatamente nesse ano a Fonte encerrou o time feminino nessa categoria, o pré-mirim, e eu acabei indo para o Guarani e continuei jogando pelo Guarani, aqui em Campinas.

M.T. – Com quem você começou a jogar?

V.M. – Eu comecei na Fonte com o Saburo [risos], que era esse japonês e tinha a Mariza também que jogava ou tinha jogado pelo Guarani e dava treino lá na escolinha, sei lá direito, eu era muito pequena também não consigo lembrar muito bem, mas do Saburo eu lembro bem e a Mariza eu lembro também. De lá eu fui para o Guarani e lá

tinham várias pessoas, o Barbosa, tinha o Pádua, depois veio o Rizzola que está aí até hoje. O Rizzola começou meio como assistente do Pádua, técnico das categorias inferiores e eu joguei com ele lá também.

M.T. – Como era ser jogadora de voleibol na década de 1980?

V.M. – Olha, eu acho que foi uma experiência única, eu acho que só quem jogou nessa década viveu o que a gente viveu porque foi uma época de transição bem clara do amador para o profissional e eu acho que a gente teve essa oportunidade de viver isso de uma forma também muito tranquila, sabe? A gente não forçou nada, a gente estava ali, claro, as coisas não acontecem por acaso, mas eu acho que a gente aproveitou bem, da melhor forma possível e conseguimos, de alguma forma, marcar a nossa vida, construir uma carreira no voleibol no meio dessa transição, que não era uma coisa muito simples, né? De repente era um esporte que ninguém conhecia, era um esporte que a gente conhecia que a gente gostava que a gente amava, mas que a gente fazia de uma forma amadora sabendo que um dia a gente ia ter que parar ou que a gente ia ter que dividir com alguma outra atividade e de repente foi oferecido para a gente a possibilidade de viver do voleibol. Nossa, foi ótimo, maravilhoso, tudo de bom, né? Durante esse processo a gente não pensa muito, a gente vai vivendo e foi isso que eu fiz, eu vivi o que era apresentado eu fui vivendo. Eu não ficava elaborando, racionalizando “ah, estamos vivendo uma fase de transição no voleibol, somos pessoas que vamos marcar a história”. Não, não tinha a menor noção do que a gente estava vivendo, não, a gente foi em frente, a gente foi só aproveitando as oportunidades.

M.T. – Vera descreva sua trajetória esportiva desde o começo até o momento de parar?

V.M. – Então, eu comecei lá na Fonte e a primeira dificuldade foi essa da minha coluna, mas eu já tinha sido picada pelo bichinho do vôlei porque eu falava que eu ia ser jogadora de vôlei de qualquer jeito. Então, ter que ficar um ano sem jogar foi duro, mesmo com dez anos de idade eu me lembro como foi duro. Aí, quando eu voltei a jogar lá para o Guarani eu estava cheia de gás, cheia de vontade mesmo. Eu acho que eu tive o privilégio de ter nascido numa família de esportistas porque eles sempre me incentivaram e ter o biótipo também que favorecia né? Aí foi só treinar e me desenvolver. Desde muito cedo eu sempre me destaquei bastante porque eu sempre fui

muito alta. Aí teve o campeonato brasileiro juvenil de seleções estaduais, em Minas. Eu já tinha ido para a seleção infante, já tinha ido para o JEBS, no ano anterior, em 1979 e sempre muito mais nova porque eu competia pelas categorias acima da minha. Aí no início de 1980 teve a seleção brasileira infante que eu fui titular e em seguida teve o campeonato juvenil em Belo Horizonte. Eu tinha 15 anos e era titular num campeonato em que as idades eram de 19 anos. Nesse campeonato o Ênio estava presente e me viu jogar. Logo depois o Brasil foi convidado a participar das Olimpíadas de Moscou e o Ênio me convocou para a seleção brasileira adulta, eu tinha 15 anos. Eu fiquei completamente surpresa porque eu não imaginava. Era um sonho sim ir para a seleção adulta, mas eu não esperava que fosse acontecer tão cedo. Foi a primeira vez que eu andei de avião, que eu fui de teco-teco para o Rio para treinar com a Seleção e a primeira vez que eu andei de avião grande mesmo, de verdade que eu peguei foi quando eu viajei para Moscou. Você imagina a cabeça de uma menina de 15 anos? Eu estava vivendo um sonho, eu estava dentro do sonho. Aí eu já namorava há quase um ano com o meu primeiro marido e acabei descobrindo que estava grávida lá. Era para eu ter ficado menstruada lá e não fiquei, mas eu achava que devia ser por causa da viagem, a primeira vez que eu viajei, enfim. Mas, eu estava grávida mesmo e quando eu voltei foi confirmado. Meu filho nasceu em fevereiro de 1981, o Éder, hoje ele tem 33 anos. Logo em seguida, eu não queria parar de jogar e começou essa coisa de: “Olha, vou te dar uma ajuda para você vir jogar aqui”. Estava começando. Então, eu fui jogar em São José dos Campos. Foi o primeiro salário que eu recebi como jogadora. Era uma coisa boba, era um dinheirinho que dava para juntar com o dinheiro do marido e viver e assim eu fui indo. Em 1982 eu fui para a Pirelli e em 1983 eu fui para a Supergasbrás e lá fiquei durante os sete anos de existência da equipe. Em 1984 fui para a Olimpíada de Los Angeles. Em 1985 o Jorjão assumiu a seleção e eu tive um desentendimento com ele por conta de família. O esporte estava passando pela transição e o Jorjão chegou com a mentalidade de apostar todas as fichas na carreira. Eu estava disposta, mas tinha o meu filho também. Eles me prometeram que eu poderia levar o meu filho para a concentração e depois não podia. A concentração era em Jacarepaguá e aí ficou complicado porque eu saía muito cedo, o Edinho estava dormindo e quando eu chegava ele também estava dormindo. Aí eu falei: “Não, não dá”. Fora isso eu estava me separando e acabei não indo para a seleção em 1986 e 1987. Eu já tinha conhecido o Bernardinho em final de 1984 e em 1986 o Bruno nasceu. Em 1987 eu pedi dispensa da seleção. Em 1988 eles tiveram uma conversa comigo, a gente se entendeu e eu acabei

voltando para a seleção. Disputei a Olimpíada de Seul. Em 1989 entrou o Inaldo Manta para a seleção e ele resolveu fazer uma renovação. Em 1989, teve o Campeonato Sul Americano e ele resolveu me colocar em todas as posições, menos a de levantadora, no jogo final contra o Peru. Eu achei aquilo um desrespeito. Depois ele teve uma conversa comigo e disse: “Eu acho que você deve ficar mais motivada, bla, blá, blá”. Eu falei: “Inaldo, você faz o que achar melhor. Se você achar que deve me convocar você convoca, se achar que não, não convoca, faz o que você achar melhor”. Eu achei um despropósito aquele tipo de conversa. Eu sempre joguei do mesmo jeito. Eu não era a jogadora mais eufórica, mas também não era a mais fria, eu sempre joguei daquele jeito e no final eu nem lembro se ele me convocou ou se eu pedi dispensa. Eu sei que acabei indo para a Itália e por lá fiquei cinco anos. Fiquei dois anos em Perugia e foi legal porque foi o time que o Bernardo tinha ido e ele salvou a equipe naquele primeiro ano e eu fui no segundo ano e a gente chegou na final. Uma campanha bem legal porque o time chegou à final saindo lá de baixo. Eu ganhei o prêmio de melhor jogadora do campeonato. No ano seguinte fomos vice-campeãs de novo. Depois eu fui para Sumirago e foi mais complicado porque eu machuquei o joelho e fiz a cirurgia e a recuperação no Brasil. Voltei para a Itália para jogar o terceiro ano e machuquei de novo. No final, os três anos em Sumirago não foram tão bons quanto em Perugia, mas foram cinco anos bem legais na Itália. Aí eu acabei voltando para o Brasil, para a Recra de Ribeirão Preto e fui ficando um ano em cada time, eu não consegui uma estabilidade [risos]. Encerrei a carreira no MRV Minas em 2000.

M.T. – Quais pessoas foram importantes ao longo da sua trajetória para a consolidação da sua carreira?

V.M. – Primeiro meus pais porque sendo eles esportistas, sempre, sempre mesmo incentivaram a gente a fazer esporte. Não é nem a questão da competição, mas estar envolvido com o esporte, estar em movimento. É levar para o clube, “vamos nadar, vamos jogar” e sempre tiveram muito presentes. Por exemplo, nessa época que eu fui convocada para a seleção infante do paulista, o clube de Campinas não tinha condições de bancar os treinos em São Paulo. A federação convocava: “Os treinos são no Paulistano, tal dia e tal hora” e o atleta tinha que se virar. Os meus pais bancavam tudo. Eu tinha uma avó e uma tia avó que moravam em São Paulo. Eles me colocavam num ônibus do Cometa, eu com 13 ou 14 anos e a minha avó ou minha tia avó estavam me

esperando na rodoviária. A gente pegava um táxi, ia para o treino e depois do treino a gente fazia um lanche, pegava um táxi de volta para a rodoviária e os meus pais estavam me esperando aqui. Hoje as coisas já melhoraram um pouco, porque os grandes times dão essa infraestrutura, mas naquela época não era assim. Além disso, tinha o Saburo, que era um japonês exigente. Quando o treino começava a encher muito, ele logo inventava um treino de defesa e só ficava realmente quem queria treinar. Aquilo cortava logo metade do grupo. Então, ele foi importante porque me testou. No Guarani, o Pádua que era o coordenador do vôlei e me levou para os Jogos Abertos quando eu tinha 14 anos. Depois o Enio, que eu não tenho palavras para descrever [emoção], eu até me emociono. Ele era uma pessoa muito boa. No dia que ele faleceu foi muito triste, muito triste. O que ele fez para mim, principalmente, foi muito bonito. Ele apostou em mim. “Oh, gostei daquela menina”. Fora isso ele trabalhava com paixão, ele sempre foi muito dedicado e isso era transmitido para a gente. Então, ele foi muito importante, ele nem sabe o quanto. Além disso, tecnicamente, coisas importantes para entender o jogo eu entendi com ele. Ele também era muito divertido, muito engraçado. Eu lembro que quando eu cheguei à seleção depois de ter tido o Edinho, em 1982, logo no começo eu lembro que ele falou: “Você tem muito potencial, mas para você conseguir um lugar aqui você vai ter que passar bem”. Eu acho que ele já estava antevendo alguma coisa. Quem eram as titulares da seleção? “Isabel e Fernanda Emerick, as duas passavam uma porcária, eram ruins”. Aí eu falei: “Vou começar a treinar passe, vou ficar boa nisso”. Mas eu tinha uma boa base porque no Guarani tinha o Pádua e o japonês. A gente treinava muito fundamento. Meus fundamentos eram bons. Mas, na seleção tinha a Heloísa, a Helga a Regina Uchoa, um monte na minha frente para entrar até chegar a mim. Aí nós fomos fazer uns amistosos no Japão e ele começou com a Helga, a Isabel não foi porque estava grávida da Maria, mas a Helga não estava muito bem e eu entrei no lugar dela e não sai mais. Eu falei: “Agora vai”. Ele fez a coisa certa. Ele testou todo mundo e me deu a oportunidade. Eu fiquei com aquilo na cabeça, treinei e quando chegou a hora eu aproveitei.

M.T. – No voleibol quais os principais fatos ocorridos na década de 1980, que você considera importantes?

V.M. – Para o voleibol, né? O fato de terem começado a falar de voleibol, o Luciano do Vale teve uma importância fundamental nisso tudo. Ele comprou essa ideia do Nuzman.

Já em 1981, no Sul Americano, em Santo André ele já começou. O Nuzman teve a ideia e o Luciano comprou a ideia de vender o vôlei e isso foi bem positivo. Além disso, a criação dos clubes-empresa, apesar de eu achar que uma hora ia acabar porque precisava evoluir para uma coisa melhor. Até hoje a gente está capengando com essa história do patrocínio. Tem empresa que não tem projeto e por isso não tem continuidade. Eu acho que a CBV deveria fazer o papel de exigir que a empresa ficasse no mínimo dez anos, com um trabalho de base, enfim, os clubes-empresa ainda estão longe do ideal. Então, o Sul Americano [1981], o Mundialito [1982] e o surgimento dos clubes-empresa foram os acontecimentos mais importantes.

M.T. – E qual desses acontecimentos você considera o mais importante?

V.M. – Um aconteceu atrelado ao outro. Os três foram igualmente importantes.

M.T. – Qual episódio marcou a tua carreira na década de oitenta?

V.M. – Aquele jogo que a gente perdeu para os EUA na Olimpíada de Los Angeles, em 1984 porque foi muito triste, né? Porém, ao mesmo tempo, olhando hoje, é claro, dá exatamente a dimensão do que a gente se propôs a fazer. A gente não tinha estrutura, a gente estava engatinhando na estrutura e a gente chegou quase a tirar os EUA da semifinal dentro da casa delas. Foi por pouco mesmo. Colocamos dois a zero, perdemos o terceiro e o quarto sets e no quinto a gente estava doze a oito, com vantagem. Foi uma frustração, mas eu acho que exatamente por ser tão marcante foi importante. Depois daquele jogo acabamos perdendo para a Alemanha porque a cabeça foi embora. O regulamento também foi ridículo porque você ir para uma Olimpíada para jogar cinco jogos... Depois do jogo um jornalista da Veja veio me entrevistar para fazer uma avaliação para a coluna Ponto de Vista. Eu lembro que eu respondi: “A gente não joga com ninguém, não tem intercâmbio”. A partir daí, foi caindo a ficha de que era necessário mudar a estrutura, que era muito precária.

M.T. – Quais as principais dificuldades que você enfrentou na década de oitenta?

V.M. – A estrutura e a questão de tudo ser meio um teste. A gente foi a geração cobaia. O masculino, apesar de estar num outro nível, com jogadores maravilhosos também

foram cobaias. Também faltava estrutura para eles. Era tudo na tentativa e no erro “vamos tentar fazer isso? Os cubanos estão trinando assim. Vamos tentar?”. Era tudo assim.

M.T. – O que o voleibol trouxe de positivo para a sua vida?

V.M. – Muita coisa. Primeiro qualquer esporte traz disciplina, socialização, faz você entender que você sempre precisa melhorar, precisa buscar melhorar de alguma forma, tanto na questão do fazer quanto nas relações. Eu era muito tímida e fui melhorando, aprendi a me relacionar, aprendi com meus erros, aprendi a expor meus erros sem medo. O esporte me trouxe muita coisa legal e foi meu ganha pão por vários anos. Através dele eu consegui criar os meus dois primeiros filhos. A terceira está fora da minha fase do vôlei, apesar de estar jogando vôlei. O voleibol só me trouxe coisas boas.

M.T. – O que significava para você ser jogadora de seleção brasileira?

V.M. – Era um orgulho, uma honra. Sempre foi um sonho, aquela coisa de criança mesmo. Parece até clichê, mas é isso mesmo “quero vestir a camisa da seleção brasileira, quero ver a bandeira, quero ouvir o hino” [risos]. É bem isso.

M.T. – E o que você almejava?

V.M. – Tudo. Mas a gente tinha consciência que era muito difícil. Por isso que aquele jogo contra os EUA ficou tão marcado, porque aquele jogo deu exatamente essa dimensão, a gente ficou a um passo do pódio. Se a gente ganhasse, a gente estava na semifinal com uma equipe fraca. O próximo jogo eu acho que era contra o Japão, porque a outra chave era fraquíssima. A gente poderia pegar um pódio numa Olimpíada, que é o título máximo que todo atleta persegue, exceto o futebol que é a Copa do Mundo.

M.T. – O que representou para você participar dos Jogos Olímpicos?

V.M. – É isso, missão cumprida. Consegui atingir meu objetivo como atleta “estou entre os melhores”. Na realidade, a cultura brasileira considera os melhores aqueles que estão

no pódio e na realidade o fato de estar numa Olimpíada já é uma gratificação muito grande. Você vê o Japão, uma superpotência está fora do mundial masculino de vôlei. Então, participar é muito importante.

M.T. – Como foi pra você conciliar as demandas do voleibol com sua vida pessoal?

V.M. – Não era fácil, foi como eu te falei no início da entrevista, mas a gente ia levando, a gente ia fazendo, a gente ia vivendo, a gente ia dando um jeito. Contrata uma babá, chama a mãe para ficar o tempo que podia e ia se dando um jeito.

M.T. – Como você percebeu o olhar do outro sobre seu corpo atlético?

V.M. – Eu não tinha muita noção disso não, sabia? Eu nunca fui muito ligada nessas coisas. Aliás, eu me achava um horror, eu achava a minha perna fina, eu queria que as minhas pernas engrossassem, eu não me achava nada. Aí, eu comecei a ter algumas surpresas: “Estão me achando bonita, eu? Tem certeza?”. Uma vez escreveram sobre as minhas pernas que eram lindas, longilíneas... Eu não tinha muita noção sobre o meu corpo. Hoje a minha filha reclama da perna fina e eu falo: “São lindas, acredita em mim” [risos]. Porque a minha avó era uma pessoa que falava assim “olha que pessoa bonita, que gorda”. Eu sempre escutei que as pessoas bonitas tinham corpo de violão e eu era completamente o contrário. Eu sabia que eu tinha um rosto bonitinho, mas... Hoje essa exposição na internet é tão absurda que se uma pessoa vai para a praia e aparece com uma celulite já está na rede. Hoje é tudo muito grande e naquela época era tudo mais leve. A beleza para mim era um conjunto e era legal saber que eu era bonita. Hoje tem a Mulher Melão, Mulher Melancia, tem a bunda, tem o peito, tem o abdômen é tudo grande.

M.T. – E como você lidava com o rótulo de musa?

V.M. – Tranquilo, mas eu não dava essa importância toda. Eu achava que acabava tendo que destacar alguém e eles iam destacar as que fossem mais bonitinhas e eu até preferia que eles falassem do jogo, se jogava bem. Eu não entendia muito isso. Claro que é sempre bom você ouvir elogios, mas eu ficava meio incomodada, eu preferia que focassem no jogo ao invés da beleza, da aparência.

M.T. – Como era a rotina de treinamentos da seleção?

V.M. – A gente teve várias fases, mas normalmente eram dois períodos de treino por dia, de manhã e mais para o final da tarde. De manhã normalmente a gente fazia musculação e preparação física, mas também tinham várias fases. Tinha épocas que a gente corria, corria, corria e fazia musculação. Tinha vezes que a gente não corria tanto e fazia musculação para imitar Cuba e a gente quase se arrebatava lá com os pesos [risos]. Mas, basicamente era isso: parte física e técnica de manhã, bloqueio parado, defesa, passe, saque, fundamentos mesmo e à tarde a parte técnica e tática.

M.T. – Você acredita que havia diferenças entre o voleibol masculino e feminino?

V.M. – Tinha. Bastante. Eles tinham mais privilégios que a gente. É histórico isso, os homens tinham mais preferência. Eu entendo que eles já tinham conquistado mais coisa e estavam um degrau acima da gente, mas era uma diferença bem grande porque eles tinham coisas que a gente não tinha. Eles tinham mais regalias, ficavam em hotéis melhores, recebiam patrocínio e era muito complicado. Hoje ainda é, mas as mulheres não aceitam isso mais tão passivamente. Naquela época a gente ia reclamar e eles falavam: “Me dá resultado primeiro”. É como funciona em algumas casas ainda, a velha batalha entre homem e mulher e que a mulher precisa aprender a se impor. Mas, havia muita diferença sim.

M.T. – O que representou o voleibol feminino na década de 1980, na sua percepção em nível nacional e internacional?

V.M. – Em nível nacional foi uma descoberta para os brasileiros, uma grata surpresa. “Olha, tem mulheres que jogam vôlei, jogam bem, são bonitas”. Tinha um encantamento, uma novidade bacana. O povo descobriu que tinha isso de bom aqui também. Em nível internacional eu não sei direito, mas acredito que a gente começou a marcar um território, a gente conseguiu mostrar que estava batalhando, que a gente estava correndo atrás.

M.T. – O que a geração de 1980 deixou para as gerações seguintes?

V.M. – A gente deixou esse legado de ter corrido atrás, entendeu? Porque se a gente não tivesse feito isso, mesmo capengando, sem estrutura, sem nada, não ia nem ter chegado perto dos resultados que tiveram. Eu acho que a gente deixou esse exemplo de acreditar, mostrou que a gente tinha potencial, que a gente acreditava. Eu tenho certeza que as que viram a nossa luta acreditaram que podiam conseguir também.

M.T. – Quando você parou de jogar, em qual clube e por quê?

V.M. – Parei de jogar no início do ano 2000 no MRV Minas porque eu tive outra ruptura de ligamento cruzado anterior no joelho direito, eu já tinha tido o mesmo problema no joelho esquerdo há seis anos, na Itália e nesse ano aconteceu no joelho direito. Além disso, eu estava passando por um momento difícil porque eu já havia começado a sentir naquele ano que o meu corpo não estava respondendo exatamente da forma como eu gostaria, como eu estava acostumada. Tinha dias que estava tudo bem, tudo certo e tinha dias que eu não conseguia fazer movimentos básicos. A cabeça estava boa, eu queria, mas o corpo já não acompanhava. Depois, conversando com algumas pessoas eu fui perceber que acontece com todo mundo num certo momento da carreira. A sua cabeça está perfeita você quer, mas o corpo não está respondendo da mesma maneira. Aí eu pensei “seis meses de cirurgia e mais seis meses de recuperação” e voltar com o corpo ainda mais lento, acho que é o meu corpo que está pedindo para parar.

M.T. – Como foi a transição a partir do momento em que você decidiu parar de jogar?

V.M. – Então, eu fiz a cirurgia no joelho e aí eu comecei a fazer a fisioterapia e a recuperação não estava sendo tão boa. A cirurgia tinha sido perfeita e o meu joelho começou a inchar. Foi quando eu comecei a ter dúvida sobre a minha recuperação e aí eu achei melhor encerrar mesmo porque o meu corpo estava falando “chega, chega, chega, para, para, para” e não foi fácil porque eu não sabia fazer outra coisa, só sabia fazer aquilo. Eu acho que tem muita gente que não escuta o corpo falar e insiste. Eu simplesmente escutei e parei.

M.T. – Qual momento da sua vida você foi mais feliz, quando jogava ou quando parou de jogar?

V.M. – Ah é tão difícil essa pergunta... Porque eu fui muito feliz enquanto eu jogava, muito feliz mesmo, porque eu gostava muito de jogar, muito mesmo. Eu não posso dizer que eu sou tão feliz hoje com a minha profissão como eu era quando eu jogava, ia ser mentira, não é verdade [risos]. Mas eu sou feliz agora também, eu não sofro, não fico me lamentando “ah, eu podia estar jogando até hoje”. Não podia. Não podia. Não seria feliz, eu estaria sofrendo se eu estivesse jogando hoje. Aquilo foi bom naquela fase da minha vida, naquele período. Agora eu tenho que dar um jeito de ser feliz nessa fase. Eu tenho que viver o presente e tentar ser feliz todo dia, hoje, depois, amanhã. Eu tenho que viver o presente. Eu sempre tive essa dificuldade, eu sempre me joguei muito para o passado e não conseguia planejar o futuro. Eu sou muito agora, eu vivo o presente e agora eu estou muito bem, estou ótima, mas tive momentos difíceis quando eu parei de jogar, mas passou.

M.T. – Você trabalhou profissionalmente com o voleibol depois que parou de jogar?

V.M. – Eu tentei trabalhar numa escolinha uma vez, mas o vôlei é um esporte muito difícil, principalmente na iniciação. A escolinha é muito complicada e as crianças não têm paciência para aprender a jogar vôlei porque demora a aprender. Demora a aprender a dar um toque, demora para aprender a dar uma manchete. Não é que demora um mês, o que para eles é uma vida, demora um ano. Então depois de um mês a maioria já tinha abandonado e eu percebi que não tinha vocação para isso, eu não ia ter paciência para ficar convencendo as crianças: “Olha, você tem que perseverar”. E aí eu desisti.

M.T. – Qual a sua ocupação hoje em dia?

V.M. – Então, eu sou comerciante aqui em Campinas, tenho uma loja de acessórios, bijuterias e bolsas e roupas também e gosto bastante disso. Estou sempre em contato com pessoas, foi uma coisa que de alguma forma, sem ter concluído a faculdade, não ter nível superior é uma das opções que a gente tem. Eu já estou nesse ramo há algum tempo e acho que já aprendi um pouquinho. Comércio é uma coisa complicada, mas eu meti as caras e estou aí. É a vida.

M.T. – O que o voleibol significa para você?

V.M. – O vôlei foi uma grande paixão, uma conquista minha mesmo. É difícil falar o que significa... Hoje é uma coisa que para eu trazer para o meu presente eu fico focada no Bruno, fico focada na Ana Luísa a minha filha que está começando a jogar. É um esporte muito legal, é uma coisa que eu gosto muito, mas eu não sou doente, fissurada e não é que eu não faça outra coisa, que eu só pense nisso. Eu acho um esporte bonito, acho que é o esporte coletivo mais coletivo que existe. Tem essa coisa da solidariedade, de se ajudar, de estar todo mundo junto e você vê claramente que o time campeão é o time mais unido, mais junto, que é o grupo que dá certo. Então essas coisas eu acho muito bacana no vôlei.

M.T. – Qual foi o principal legado que o voleibol deixou para a sua vida?

V.M. – É tudo isso. É viver dentro dessa filosofia de todo mundo se ajudando, de colaboração, de integração, de parceria, de sociabilidade. Eu acho que é isso.

M.T. – Você quer deixar algum depoimento sobre os temas que a gente abordou na entrevista?

V.M. – Eu acho que a gente poderia comentar sobre os patrocínios que existem no Brasil, sobre a necessidade de haver uma forma mais eficaz e inteligente de gerir a entrada das empresas no esporte para que os projetos fossem mais sólidos e permanentes. Além disso, falar sobre o futuro das jogadoras, sobre o momento de parar, de pensar nisso. Ter pessoas que possam ajudar a planejar o final da carreira. Porque é muito complicado parar para pensar na pressão, no calor do momento. Se houver um planejamento ajudará muito.

[FINAL DA ENTREVISTA]